

---

# O QUALIFICARTE COMO POLÍTICA PÚBLICA: ESTUDO SOBRE O FRACASSO E O SUCESSO ESCOLAR DOS DISCENTES

*Patrícia Ferraz Abdo\**  
*Maria Auxiliadora Monteiro Oliveira\*\**

## Resumo

Este artigo analisa o QualificarTE I, política pública municipal de Belo Horizonte, voltada para capacitar para o trabalho sujeitos em situação de vulnerabilidade social e/ou de desemprego. O estudo, realizado em 2007/08, analisou as causas do sucesso/fracasso escolar de alunas de cursos ofertados. O Estudo utilizou a análise documental, a observação livre e a entrevista. Constatou-se que o sucesso escolar foi obtido por alunas que trabalhavam esporadicamente e não eram provedoras, possuindo uma situação financeira menos perversa; enquanto isso o fracasso escolar se relacionou à prática sistemática do trabalho, pois a mulher era provedora da família, em uma precária situação financeira.

**Palavras-chave:** Políticas Públicas; Educação Profissional; Centro de Capacitação Profissional QualificarTE; Sucesso Escolar; Fracasso Escolar.

## INTRODUÇÃO

Este artigo faz referência a duas áreas que, historicamente, vêm sendo preteridas pelos gestores das políticas públicas, que se traduzem na Educação de Jovens e Adultos e na Educação Profissional. Mais recentemente, vêm se constatando certos avanços nesses campos direcionados para ações e programas ligados ao âmbito federal, tais como: ProJovem (Programa Nacional de Inclusão de Jovens); PROEJA (Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos), entre outros. Na esfera estadual, no âmbito de Minas Gerais, destacam-se: PEP (Programa de Educação Profissional), PPE (Programa Primeiro Emprego) e, na área municipal, especificamente em Belo Horizonte, pode ser mencionado o QualificarTE (lôcus desta pesquisa).

O foco da pesquisa que subsidiou este trabalho está centrado no QualificarTE I, situado no bairro Gameleira, que oferta cursos profissionalizantes de formação inicial e continuada de trabalhadores, destinados à capacitação laboral e à inserção social de jovens e adultos que se encontram em situação de

vulnerabilidade social, tendo em vista a baixa escolaridade e a situação de desemprego ou subemprego. O objeto deste estudo se traduz na identificação das causas/motivos que acarretaram o bom desempenho (sucesso escolar) ou a evasão (fracasso escolar) dos sujeitos egressos dos cursos ofertados pelo QualificarTE I. A pesquisa se consubstanciou em um Estudo de Caso, no qual foram empregados os seguintes instrumentos: análise documental, observação livre e entrevista semiestruturada. Para a interpretação dos dados, lançou-se mão da Análise de Conteúdos.

Foram realizadas 12 entrevistas com os egressos dos cursos ofertados pelo QualificarTE I. Deste total, 7 discentes tinham concluído os cursos e foram indicados pelos educadores da instituição como casos de sucesso escolar. Foram, ainda, realizadas 5 entrevistas com os discentes que se evadiram dos cursos nos quais estavam matriculados, caracterizando-se como casos de fracasso escolar. É necessário ressaltar que todos os discentes entrevistados eram do sexo feminino e foram selecionados para a entrevista de forma aleatória.

Objetivando conferir uma organização didática, o texto foi dividido nas seguintes partes, que mantêm entre si uma grande interlocução: o QualificarTE, que especifica as peculiaridades desta política; O Perfil dos Discentes Entrevistados, que determina as características sociais e financeiras das entrevistadas; O Sucesso e Fracasso Escolar: a visão dos discentes, que busca desenvolver o foco desta pesquisa e, por fim, foram tecidas Considerações Finais sobre a temática abordada.

---

\* Mestre em Educação pela PUC Minas e professora de História do ensino fundamental da Rede Particular de Ensino. E-mail: patabdo@yaboo.com.br

\*\* Doutora em Educação pela UNICAMP e professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC Minas. E-mail: dorinhapuc@hotmail.com

Recebido para publicação em: 03/02/10.

## O QUALIFICARTE

A partir do início da década de 1990 a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SMDS) começou a ofertar Cursos de Qualificação Profissional, em parceria com uma rede de entidades conveniadas. Esses cursos eram/são voltados para as ações de qualificação profissional, com o objetivo de capacitar jovens e adultos para o trabalho. Assim, a SMDS passou a ofertar formação profissional, no período compreendido entre 1993 e 1996, através do Programa Especial de Trabalho e Renda que oferecia cursos básicos de educação profissional, por intermédio do Projeto de Formação Profissional, através da execução direta dos Centros de Apoio Comunitário (CACs) e da ação indireta das Organizações Não Governamentais (ONGs), que tinham/têm liberação de recursos do tesouro municipal para manutenção desses cursos<sup>1</sup>.

Tendo em vista a expansão da política de inclusão social e econômica, priorizada pelo município de Belo Horizonte, foi criada a Metodologia “Qualificarte”, uma experiência de formação socioprofissional que concebe os usuários da Assistência Social como sujeitos em suas múltiplas dimensões. Esta metodologia associa a capacitação técnica com a formação para a cidadania, tendo em vista estimular o desenvolvimento relacional e a transmissão de noções de planejamento e gestão econômica<sup>2</sup>.

A primeira unidade do Qualificarte foi instalada em 1998, com localização no bairro Gameleira, de Belo Horizonte<sup>3</sup>. No início do século XXI, as normas para a coordenação e a execução de cursos de capacitação profissional para jovens e adultos em risco pessoal e social, ofertados pelo Centro de Qualificação Profissional, foram definidas através do Decreto Municipal nº 10.554/01<sup>4</sup>. O Qualificarte, então, passou a integrar a Gerência de Preparação para a Inclusão Produtiva<sup>5</sup>, responsável pela efetivação de projetos de combate à pobreza, que deveriam ser implantados em nível regional, visando tanto à inclusão no mercado de trabalho quanto o apoio técnico e a orientação para as ações de geração de trabalho e renda, tendo em vista as necessidades dos usuários da Política de Assistência Social.



*em função das adversidades decorrentes da situação de vulnerabilidade social e pessoal dos alunos do Qualificarte I os apoios material e social são fundamentais para garantir a frequência nos cursos, melhorar o aproveitamento e elevar a possibilidade de inserção no mundo do trabalho.*

O público que vem sendo atendido pelo Qualificarte é composto por jovens e adultos, contemplados pelas Políticas de Assistência Social da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, que se encontram em situação de vulnerabilidade social, marcada pela baixa escolaridade e pelo desemprego. Estes sujeitos são encaminhados pelos técnicos ligados aos programas sociais de origem<sup>6</sup>, com intuito de despertá-los para a “necessidade”<sup>7</sup> de buscarem uma capacitação profissional. Os jovens e adolescentes atendidos pelos Programas Sociais do Município podem ser caracterizados por suas trajetórias de rua e pelo atendimento às medidas socioeducativas, previstas nesses programas. Em sua maioria, esses jovens são filhos de famílias marcadas pelo desemprego, pelo alcoolismo e pela violência doméstica. Já os adultos atendidos por esses programas são, geralmente, moradores de rua, desabrigados devido às intempéries, desempregados ou subempregados que têm renda até um salário mínimo. Os adultos, em sua maioria, são mulheres, responsáveis pelo sustento de suas famílias<sup>8</sup>.

De acordo com Macedo<sup>9</sup>, em função das adversidades decorrentes da situação de vulnerabilidade social e pessoal dos alunos do Qualificarte I os apoios material e social são fundamentais para garantir a frequência nos cursos, melhorar o aproveitamento e elevar a possibilidade de inserção no mundo do trabalho. Esses apoios se traduzem no custeio dos deslocamentos, da alimentação oferecida durante os horários de aula, na cessão de instrumentos e ferramentas de trabalho e no acompanhamento social, visando assistir o indivíduo em questões sociais, além de promover a qualificação profissional<sup>10</sup>.

Em 2008 esses foram os cursos ofertados pelo Qualificarte I: Cabeleireiro; Informática Básica com Digitação; Manicura e Pedicura; Depilação e Estética Corporal; Salgados; Cozinheiro Auxiliar; Confeitaria; Recepcionista; Garçom e Garçonete com Coquetelaria. Esses cursos são desenvolvidos a partir de uma metodologia específica, estruturada, nas modalidades de Formação Técnica, Formação Ampliada e Vivência Profissional. A primeira consiste na formação para o exercício de uma determinada profissão por meio da aquisição e do domínio de métodos, técnicas, conhecimentos e habilidades. A Formação Ampliada trabalha com conteúdos/habilidades que fornecem aos alunos as bases imprescindíveis para o desenvolvimento nos âmbitos pessoal, coletivo e produtivo. Os conhecimentos/saberes adquiridos são colocados em prática através da vivência profissional, que possibilita a aplicação dos conhecimentos teóricos e a socialização/adentrando no mundo do trabalho.

## O PERFIL DOS DISCENTES ENTREVISTADOS

Esclarece-se que no projeto elaborado estava previsto que aos alunos do Qualificarte I seriam aplicados tanto questionários para desenhar seus perfis quanto entrevistas semiestruturadas. Contudo, ao se constatar certo nível de dificuldade de alguns alunos para preencherem o referido instrumento decidiu-se, para evitar constrangimento, só aplicar a entrevista, cujo roteiro passou a contemplar questões mais objetivas, para que fossem obtidos os dados necessários à construção dos perfis

discentes. Foram entrevistadas 7 alunas identificadas como casos de sucesso escolar<sup>11</sup>, pois concluíram o curso com bom nível de desempenho escolar. Essas alunas foram indicadas pelos docentes do Qualificarte I. As alunas que se evadiram estavam posicionadas na categoria de fracasso escolar, pois na instituição pesquisada a repetência, traduzida na não-certificação, é pouco comum. Assim, foram entrevistadas 5 alunas, escolhidas de forma aleatória, que se evadiram dos cursos nos quais estavam matriculadas.

O que se pode constatar, a partir da análise dos dados coletados, foi que os perfis dos discentes considerados como “casos de sucesso escolar” assim se consubstanciam: maior incidência de mulheres casadas; faixa etária entre 36 e 45 anos; 2 filhos adolescentes; a maioria das respondentes cursou o ensino fundamental completo e se evadiu da escola apenas uma vez, devido à atitude depreciativa dos pais em relação à educação; a maior parte das entrevistadas não é responsável pelo sustento de sua família e exerce trabalhos esporádicos, sem cobertura trabalhista. Destaca-se que esta última característica do perfil das alunas é fundamental para compreender, em parte, os processos de sucesso/fracasso escolar, que estão relacionados aos aspectos sociofinanceiros e individuais.

Em relação aos perfis das alunas entrevistadas, caracterizadas como casos de fracasso escolar<sup>12</sup>, foi possível destacar que, em sua maioria, são mulheres solteiras, na faixa etária entre 31 e 40 anos, com, em sua média, quatro filhos na faixa de 8 a 15 anos de idade. Essas alunas se evadiram da escola uma vez, devido à necessidade de trabalhar e cuidar dos filhos, pois são, em sua maioria, as únicas responsáveis pelo sustento familiar. Foi identificado, também, que essas mulheres trabalhavam mais de 40 horas por semana, o que justificaria, em parte, as suas evasões dos cursos do Qualificarte I. Em relação à atividade laboral, pode-se destacar que todas estas alunas trabalhavam, ou seja, 100% possuíam alguma ocupação. A diferença entre as alunas entrevistadas, ou seja, as que tiveram sucesso e as que fracassaram, encontra-se no âmbito da jornada de trabalho, pois a maioria das alunas marcadas pelo fracasso escolar trabalhava por mais de 40 horas semanais, enquanto todas as alunas que obtiveram sucesso escolar trabalhavam esporadicamente, sem períodos ou horário fixos.

## O SUCESSO E O FRACASSO ESCOLAR: A VISÃO DOS DISCENTES

Tendo em vista o objeto de estudo desta pesquisa—identificação dos fatores que levaram ao sucesso ou fracasso escolar—, algumas questões apontadas nas entrevistas pelos egressos dos Cursos do Qualificarte I foram fundamentais para a sua compreensão e, por isso, foram destacadas como categorias. A primeira se refere ao relacionamento com os docentes e com os colegas. Constatou-se que nenhuma das entrevistadas declarou ter problemas com os professores. Através das falas a seguir, pode-se observar que as alunas afirmaram ter um bom relacionamento com os professores e com os colegas de curso. Apenas a entrevistada AC5 descreveu

um episódio no qual mostrou ter tido dificuldade de relacionamento com uma colega que, segundo ela, queria competir em termos de obter a atenção do professor.



“Olha, eu fazia o possível pra me dar bem com ela. Ela é uma pessoa assim, muito... Igual eu estou te falando, ela me ajudou bastante, sabe? Ela no começo falou assim: “Não, não é assim, não. É aos poucos que a gente vai aprender. Todo mundo aqui está pra aprender, ninguém aqui sabe nada. Tem que perguntar é pra mim, mesmo”. Então, tinha gente na turma, que você via, que já sabia fazer. E, eu via, fulana já sabe fazer isso e eu não sei fazer nada, ainda. Aí a professora: “Não, aqui ninguém sabe nada. Se tem dúvida, tem que perguntar pra mim”. Aí, eu aprendi. A gente tem uma reunião antes porque se eu tenho dúvida eu não vou perguntar pra quem está do lado. Se tem dúvida é pra perguntar pra professora. Aí, foi quando eu comecei a entrar com a turma. E, fazia o máximo pra...Graças a Deus, eu não tenho nada pra reclamar da turma, não. Eu, que me sentia assim... Mas, foi tudo bem, eu não tenho nada a questionar” (AC1).

“Sempre foi boa. E, esse ano tá sendo melhor, porque eu melhorei a minha cabeça. No ano passado eu chorava demais. Mas, minha relação (com a professora) foi ótima. (...) Com os alunos, também, foi. Só com uma, que eu não... Não, problema nenhum. Só, que a gente não batia. Uma olhava pra outra, abraçava, conversava, mas não batia. Não sei, se era porque a professora me elogiava. Ela ficava doida, sabe. Parecia que ela queira ser melhor” (AC5).

“Nossa, demais. A professora era boa demais. Ela tinha paciência, sempre alegre para ensinar as coisas. Dá pra ver a satisfação da pessoa pelo que ela está fazendo. (...) Ela é um amor. Quando você identifica com a pessoa, sabe? Você gosta e tudo que ela fala pra você está bom! (...) Na primeira semana eu já sabia o nome de todo o mundo” (AE3).

Considera-se que a análise das relações entre professores e alunos é fundamental para esclarecer a questão das desigualdades ocorridas no âmbito do desempenho escolar, tendo em vista a origem social dos alunos. Para Forquin<sup>13</sup>, a teoria da atribuição de rótulos pode fornecer pistas para o estudo dos processos, através dos quais se constrói o sucesso e o fracasso escolar. Essa teoria considera que o relacionamento entre professores e alunos é marcado pela atribuição de rótulos de “bom aluno” e “mau aluno”, o que leva à predição pelo professor do desempenho do aluno, influenciando não apenas a avaliação que faz a seu respeito, mas, também, ao próprio desempenho. Entretanto, a pesquisa em foco demonstrou que tanto as alunas que obtiveram sucesso escolar quanto as evadidas relataram ter um bom relacionamento com os docentes. Assim, a hipótese de Forquin<sup>14</sup> não se confirmou, pois diferenças no relacionamento



entre alunos e professores não podem ser aplicadas aos dados coletados por esta pesquisa.

A segunda categoria se refere à qualidade dos cursos ofertados pela instituição pesquisada. Quando questionadas sobre a qualidade do curso, as alunas concluintes e as evadidas fizeram as suas avaliações. Todas as alunas avaliaram o curso de forma positiva, apresentando suas qualidades e destacando os conhecimentos/habilidades que adquiriram ao longo do mesmo. Apenas a entrevistada AC1 julgou ser necessário o aumento da carga horária do curso que concluiu. É importante destacar que todas as alunas evadidas fizeram uma avaliação positiva do curso, demonstrando que uma suposta má qualidade não foi a causa de suas evasões.

“Ah, eu achei o curso muito bom. Pelo pouco que eu fiquei, acho que deu pra aproveitar bastante. Inclusive, assim... Eu não terminei o curso, mas no meu serviço eu já ajudo a salgadeira. Eu já consigo fazer salgados. Já consigo fazer os recheios dela. Eu olhando lá, eu fazia aqui. E a professora gostava. Falava assim: “Está certinho”. Então, algumas coisas que eu copiava de lá, eu fazia aqui. Algumas coisas que eu copiava aqui, eu fazia lá. Aí, eu juntei as duas coisas e deu certo” (AE5).

“Ótimo. Tudo o que eu aprendi lá, eu estou podendo ver na prática, lá dentro da padaria. Aquelas regras que ela ensinou, que o professor ensinou. Aquela coisa da matemática, que ela sempre frisava: “Gente, a matemática é importante na cozinha, na culinária”. Então, sempre eu tenho a oportunidade de estar lembrando porque lá eu estou vendo ao vivo e a cores tudo o que foi passado no curso e que muitas vezes a gente não dá importância. Mas, é muito bacana” (AE3).

“Eu achei que teve pouco tempo, sabe? Pra mim, tinha que ter mais tempo. Ficou muito rápido. Quando a turma começou a engrenar, aí já acabou. Aí, todo mundo falou: “Nossa, mas já?” Já. Então, eu acho que agora que eu estou novamente entrando, eu já estou entendendo. Eu estou aproveitando cada dia, cada minuto. Estou aproveitando mais. O que eu devia ter feito. Eu posso até repetir esse curso, mas eu já vou saber que cada minuto é importante. Talvez, naquela época, ao invés

de eu estar pensando: “Aí, meu Deus, eu estou aqui e não sei se eu vou conseguir.” Era hora de eu estar perguntando. Mas, não, eu não sabia. Era a primeira vez. Mas, pra mim foi ótimo. O curso foi muito bom. Essa questão aí, que tinha que ter mais tempo, prolongar mais 3 meses. Acho que tinha que ser mais assim” (AC1).

Considerando as falas expostas, que destacaram a qualidade dos cursos ofertados pelo Qualificarte Gameleira, as entrevistadas também mencionaram que a capacitação proporcionada se refletiu nas suas condições salariais e de trabalho e nas suas vidas pessoais. Tanto as alunas concluintes quanto as evadidas explicitaram as melhorias conquistadas, que foram viabilizadas pelos conhecimentos/habilidades adquiridos nos cursos.

“Melhorou, porque teve um tempo aí, que meu marido estava parado. Aí, eu peguei e falei assim: “Nossa, eu preciso ir pra frente, mesmo. Vou ter que dar um jeito”. Então a unha que eu fazia, uma unha, duas ou três... Esse dinheiro servia pra mim. Eu já paguei conta de luz. Assim, o gasto mínimo, com o que eu ganhava. Só não ganhei mais porque eu não me senti assim... Não tive espaço pra fazer isso. Mas, se eu tivesse espaço. Igual, eu estou te falando, eu escolhi fazer a domicílio. Minha casa é pequena. Três cômodos. Então, o espaço é pouco. E, a minha menina já está mocinha. Então, você vê, ficou pouco espaço pra mim. Então, talvez se eu tivesse eu local pra mim trabalhar de acordo, eu acho que ganharia mais. Mas, foi o suficiente” (AC1).

“Melhorou, nossa! Em tudo! Relacionamento pessoal, com as pessoas. Higiene. A gente acha que, estou falando por mim, sabe fazer higiene corretamente. Depois que agente vai aprender aqui, que a gente vê quantas falhas. Não só na relação de trabalho, como dentro de casa, no dia a dia. A higiene é superimportante. (...) Eu era insegura. Tudo que eu fazia, eu achava que o do outro era melhor. O meu não. Então, esse curso me deu uma base total, que era, realmente, o que eu estava precisando, pra eu poder enfrentar esse mercado de trabalho aí fora. Hoje, eu tenho certeza que eu realmente sei fazer, que o meu é bom, ou muito bom, excelente” (AC6).

“Ajudou porque eu já coloquei meu nome lá na empresa, nessa empresa que eu estou, pra poder concorrer à vaga na confeitaria. Eu estou mais confiante de que eu sei fazer porque pelo que eu vi, eu sei que tinha muita coisa, ainda, pra aprender. Mas, eu tenho capacidade, pelo que eu aprendi lá e pelo que eu já sabia, com certeza. Então, me ajudou a ficar mais confiante de que eu posso. Eu posso ir lá e fazer que, com certeza, eu vou sobressair” (AE3).

“Acho que foi a técnica e a prática. Porque eu tinha medo de modelar salgados. Aqui, a professora fez eu acabar com este medo. Eu já consigo modelar, agora. Eu tinha medo de fazer os recheios lá e dar errado. Aí, com a Tereza aqui, mesmo eu olhando lá... Lá, eu fazia. Mas, eu peguei a técnica de lá e joguei aqui, pra ver se dava certo. Aí, a Tereza falava: ‘Deu certinho’. Então, eu já saía daqui e fazia lá” (AE5).

A terceira categoria está centrada nos motivos que desencadearam a evasão dos cursos ofertados. As alunas evadidas foram questionadas sobre os motivos que as levaram à evasão dos cursos que estavam realizando no Qualificarte I. Das 5 alunas entrevistadas, duas alegaram terem se evadido devido a problemas de saúde na família e à necessidade do afastamento do Qualificarte I para cuidarem de parentes adoecidos. Outras duas afirmaram ter saído do curso por causa do trabalho, cujo horário<sup>15</sup> não era compatível com a frequência aos cursos. Outra aluna precisou sair do curso para cuidar dos filhos, já que é mãe

solteira e não tinha com quem deixá-los nos horários demandados pelos cursos. As posições das alunas foram reiteradas pelos relatos dos professores e pelos registros feitos nos cadernos de avaliação. Assim, os problemas de saúde na família, o cuidado dispensado aos filhos e a necessidade de lutar pela sobrevivência foram as principais causas da evasão dos cursos.

“(…) o curso aqui começava 13 horas. Só, que eu tinha que mandar os meninos para a escola. Aí, sempre eu chegava atrasada. Aí, um dos motivos que eu estava quase saindo, mesmo antes de eu ter que ter eliminado mesmo, foi por causa do atraso demais. Mas, é porque eu tinha que ter certeza de que eles foram para a escola. Então, eu sempre ficava esperando eles chegarem. E, o outro motivo foi que em julho, entrou as férias. Aí, eu não tive como deixar eles. Eu tive que ficar em casa. Aí, eu tive que ficar com os meninos porque não tinha aula durante um mês. Aí, eu nem voltei mais. Fiquei muito chateada por não ter continuado” (AE1)

“Por motivos pessoais. Meu marido adoeceu, teve uma... Meu filho mais velho também adoeceu. A gente teve que viajar às pressas” (AE2).

“Por precisar trabalhar. Eu estava trabalhando só em casa. Fazendo alguma coisa em casa pra vender. Aí, estava precisando muito trabalhar. Ou eu, ou o meu esposo, porque as coisas já estavam, assim, perigando. Muito perigosas, pro rumo que estava tomando. Era conta acumulando. Até as coisas lá em casa, estava difícil a parte de alimentação. Só não estava pior porque o pessoal da igreja sempre ajuda. E ele já estava ficando desesperado. Aí, graças a Deus, já tem uns 20 dias que eu estou trabalhando. Também, nessa Páscoa, deu pra ganhar um dinheirinho. Foi o que salvou a Pátria. (...) Aí, bateu (o horário), porque o curso era de 13 às 17. E, o serviço de 7 às 16 horas” (AE3).

“Olha, eu sei porque a minha mãe está muito doente. Ela está com problema de esquecimento, eu acho que é uma doença que fala Alzheimer. Na época que eu estava fazendo ela não podia ficar muito sozinha. Então, não tinha como deixar. Mas, agora a gente tem que estar levando no médico, estar tomando remédio. Então, a questão foi essa, o fato de eu não poder continuar, né? Foi por causa dela” (AE4).

“Trabalho. É, porque o curso aqui é de manhã, de 8 às 12 horas. Eu largava lá às 6 horas. O meu horário é 6 horas, mas geralmente eu largo 6:40, 6:45. E, final de ano, eu trabalhava até 8:30, 9 horas da manhã porque os pedidos são muitos. A demanda lá é muita. A gente tem que trabalhar. Pra mim chegar aqui, não tava dando. Chegava atrasada e não podia entrar. Tinha que voltar. Aí, eu peguei e falei assim: “Vou desistir”. Faltavam três semanas e meia pra terminar o curso. Tive que parar” (AE5).

As falas sobre os motivos que levaram à evasão suscitam a questão referente ao papel da mulher na sociedade brasileira. Todas as alunas entrevistadas, que se evadiram dos cursos do Qualificarte I, tinham filhos e trabalhavam. Além disso, constatou-se que a maioria dessas mulheres era responsável pelo sustento de sua família, ou então, parcialmente responsável. Esses dados demonstram a relevância da mulher tanto no mercado de trabalho quanto como provedora, pois cada vez mais ela se torna responsável, ou co-responsável pelo sustento do núcleo familiar, o que impossibilita ou dificulta, muitas vezes, a conciliação entre estudo e trabalho. É importante destacar que, apesar da trajetória de descontinuidade escolar e das dificuldades de permanecerem nos cursos de capacitação, todas as entrevistadas demonstraram vontade de retornar aos cursos dos quais se evadiram.

A pesquisa feita por Pochmann<sup>16</sup>, desenvolvida no município de São Paulo, demonstrou que assegurar, temporariamente, uma complementação de renda pode garantir o ingresso e a permanência dos segmentos mais excluídos da população às ações de emancipação social, política, econômica e, conseqüentemente, o adentramento e a continuidade na escola. Assim, os Programas Sociais, desenvolvidos pela Prefeitura de Belo Horizonte, se encontram relacionados, diretamente, à educação, na medida em que podem assegurar, temporariamente, a transferência de renda devido à elevação da escolaridade e ao desenvolvimento de atividades comunitárias. Esse fato pode facilitar o reingresso no mercado de trabalho formal e uma preparação mais adequada/consistente para o trabalho. Entretanto, o que se observou no caso do Qualificarte é, reitera-se, a dificuldade de os alunos permanecerem nos cursos devido à carência de políticas públicas específicas e eficientes, voltadas para a população trabalhadora que frequenta cursos profissionalizantes.

Paulo Freire, desde a década de 1970, já alertava para a necessidade de assegurar a alfabetização e a capacitação profissional para jovens e adultos excluídos, “marginalizados”, “seres fora de, ou à margem de”. A solução para eles seria que fossem integrados ou incorporados à sociedade de onde partiram um dia, renunciando como trãsfigas a uma vida feliz<sup>17</sup>.

As alunas concluintes, ou seja, exitosas na escola, também relataram as dificuldades encontradas ao longo da realização dos cursos. Essas dificuldades eram referentes a questões ligadas ao aprendizado e aos problemas familiares cotidianos, que envolviam, sobretudo, aspectos emocionais, em detrimento dos sociofinanceiros. Nenhuma das dificuldades relatadas era relacionada ao trabalho e ao sustento familiar. A aluna AC4 declarou ter problemas de saúde que interferiram no seu desempenho no curso. Essa aluna disse não ter se evadido do curso apenas porque ele estava terminando. Essa entrevistada foi chamada para fazer um curso de aperfeiçoamento, na área que estava se capacitando, mas recusou a proposta devido aos seus problemas de saúde. Desta forma, pode-se constatar, através das falas a seguir, que os problemas relatados pelas entrevistadas não foram semelhantes aos explicitados pelas alunas evadidas.

*É importante destacar que, apesar da trajetória de descontinuidade escolar e das dificuldades de permanecerem nos cursos de capacitação, todas as entrevistadas demonstraram vontade de retornar aos cursos dos quais se evadiram.*

“No início, eu queria até desistir. Pensei em desistir, sabe? Porque eu via que na turma tinha muita gente mais nova. Eu estava assim: ‘Aí, meu Deus, será?’. Eu fiquei assim, meio perdida na turma. Depois, eu comecei a entrosar no meio da turma. Aí, foi tudo bem. (...) É, porque assim, foi questão da idade. Porque as outras meninas eram todas mais novas. E eu falei assim: ‘Será que vai dar certo, porque exige muito do corpo físico da gente. Saúde, também’. Não desisti porque eu falei assim: ‘Foi tão difícil conseguir a vaga. Gente, se eu desistir agora, quer dizer que eu estou jogando fora o tempo que eu tive pra ir pra lá’. Correr atrás, né? Ir lá na reunião. Pensei em desistir porque... Igual eu te falei, por causa da idade. Até então, eu estava animada, mas quando eu vi a turma eu falei: ‘Nossa, quanta gente mais nova’. Só gente independente, que não tinha filho. Aí, eu falei: ‘Não vou desistir, não. Bola pra frente’. Aí, fui até o final” (AC1).

“Matemática, por exemplo. Sou péssima em matemática. Tem umas coisas... Igual, na coloração, você tem, que saber a conta de quanto dá dividido... as tintas” (AC2).

“Bom, eu tive uma dificuldade de saúde, sim. Eu tive porque tinha dia que eu tava vindo pro curso até com dor. Eu tava com problema no útero, né? Eu até fiz, agora, outro dia, uma cauterização. Então, já era efeito disso que eu estou sentindo. Sentia muita dor, mesmo. Às vezes tinha dia que não dava pra trabalhar, mas eu não deixava de vir, não. Eu nunca falhei por motivo de... eu fui até o fim. Eu até falei: ‘Vou deixar, depois que eu terminar o curso, pra procurar um médico’. Aí, agora, que eu estou me tratando. Agora que eu comecei a me tratar. (...) Agora, eu terminei o curso e o outro não ia dar porque eu já não tava podendo. Eu tinha que olhar, mesmo, meu lado da saúde. Aí, por isso que eu não entrei no aperfeiçoamento” (AC4).

“Não. Desde o primeiro dia do curso eu não faltei nenhum dia sequer. Eu me lembro que eu cheguei atrasada 10 minutos um dia. Eu fiquei morrendo de medo da professora me xingar. Era de 13:00 às 17:00. Eu cheguei aqui 13:10. Eu sempre chegava primeiro que todo mundo. Chegava 12:30, 12:40. O mais tarde que eu chegava era 12:55. Mesmo assim, morrendo de medo. Às vezes tinha problema em casa, alguma discussão, alguma coisa. Mas, pelo contrário, eu ficava doida pra chegar o horário pra ir embora logo. Pra vir pra aqui e não ficar lá. Me fez muito bem, muito bem mesmo” (AC7).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da história da educação brasileira mostra privilégio do dualismo educacional, traduzido em uma educação pragmática, fragilizada, inconsistente e sucateada para a maioria da população e em uma educação sofisticada, consistente, teórica e praticamente, para a minoria da população, ou seja, para a elite. Em síntese, observa-se que a educação é marcada pela dialeticidade, pois vem sendo permeada tanto por mecanismos ideológicos que promovem a reprodução social quanto por aqueles que fazem a contraposição e a contraideologia. Entretanto, observa-se que os primeiros têm sido priorizados na sociedade contemporânea

Em decorrência disso, foi construída e consolidada uma grande dívida social para com os sujeitos das camadas sociais menos favorecidas que precisa ser saldada o mais rápido possível. Contudo, reitera-se, apesar da implantação de Programas que, na atualidade, procuram, pelo menos no discurso, promover o acesso à cidadania e ao trabalho, na prática, em sua grande maioria, esse propósito não vem se concretizando.

No que tange a esta pesquisa, uma das causas da evasão escolar está ligada a problemas financeiros, enfrentados pelas alunas-trabalhadoras que eram as únicas provedoras da família, de um modo geral, mononuclear.

Esse fato remete à discussão sobre a questão de gênero/sexo, pois a responsabilidade feminina para com o trabalho doméstico e os cuidados despendidos a familiares dificulta a permanência dessas mulheres nos cursos nos quais se matriculam. Portanto, a manutenção dessa cultura, segundo a qual a mulher deve se responsabilizar pelas funções/atividades inerentes à vida privada, historicamente determinada de forma hegemônica, pode ser identificada, ainda, apesar das mudanças políticas, ideológicas, culturais, educacionais e ocupacionais, ocorridas sobretudo nos últimos anos, na sociedade brasileira.

Ocorre que a mulher, além das atividades profissionais, tem que se dedicar aos afazeres domésticos, aos cuidados com os filhos e, com essas estafantes jornadas laborais, fica quase impossível compatibilizá-las com o estudo. Essa é uma realidade que vem se tornando muito presente e para a qual os gestores das políticas públicas não têm tomado as providências/medidas necessárias.

Assim, deve-se considerar que os sujeitos precariamente incluídos no sistema capitalista não se constituem, apenas, como uma força de trabalho “barata” disponível no mercado, pois as posições que ocupam são marcadas por um posicionamento “simbólico,” pelo qual a sociedade os estigmatiza como incapazes, ou, então, trata-se de falta de vontade política para viabilizar a constituição mais igualitária do tecido social. E, conforme pesquisas apontam, essa precarização ocorre de modo mais perverso com as mulheres.

Os dados coletados nesta pesquisa mostraram esse fato, pois a totalidade do alunado dos cursos era constituída por mulheres, tanto nos casos de sucesso quanto nos de fracasso escolar. A evasão é um grave problema do sistema escolar brasileiro, pois não basta garantir o acesso sem assegurar a permanência. Se, por um lado, nos cursos ofertados pelo Qualificarte as alunas tivessem contado com uma bolsa ou “auxílio” mais efetivo, que não se restringisse apenas ao vale-transporte e a um simples lanche/merenda, certamente os índices de sucesso escolar seriam muito mais significativos. Por outro lado, acredita-se que a carga horária dos cursos ofertados pelo Qualificarte é muito pequena e os conteúdos priorizados, na prática, não viabilizam o discurso do referido Programa, assentado na conquista da cidadania. Outro fator que deveria ser considerado pela instituição é a possibilidade de ofertar cursos noturnos, já que grande parte do corpo discente tem necessidade de trabalhar no período diurno.

Considera-se que propostas de inserção social e laboral deveriam viabilizar a construção e a consolidação de identidades individuais e coletivas capazes de ultrapassar o assistencialismo, ainda muito presente no âmbito das políticas públicas educacionais. Essa perspectiva que, em suma, “oferta” arremedos de certificação ou de conhecimentos/saberes, veiculando promessas de inclusão, está sintonizada com a conhecida e histórica lógica do darwinismo social, que privilegia a racionalidade financeira, a política do custo-benefício e pouco investimento no campo socioeducacional. Por isso, finaliza-se com a afirmação de Badiou: “se não há projeto – que não é tal, se não for socialmente construído – será a ganância que dirá o que fazer”<sup>18</sup>.

## NOTAS

- <sup>1</sup> ANDRADE, Gladys Rodrigues de. **Políticas Sociais e Educação Profissional**: caminho para a autonomia, condição para a cidadania. 2003. 131f. Dissertação – Curso de Mestrado em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- <sup>2</sup> BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal de. **Relatório**. Centro de Qualificação Profissional Qualificarte. Belo Horizonte: 2001. p.1-8.
- <sup>3</sup> Nos primeiros anos de atividade, o Qualificarte era restrito às instalações do bairro Gameleira. Mas, desde 2001, o programa conta com mais duas instalações. Atualmente, há três unidades do programa. O Qualificarte II está localizado na regional leste, na vila Mariano de Abreu, e atende à comunidade local. O Qualificarte III, no bairro Ipiranga, atende preferencialmente às pessoas com necessidades especiais, maiores de 16 anos. Alguns cursos são ministrados, também, na Cozinha Comunitária Alto Vera Cruz. Entretanto, apenas a criação do Qualificarte I, localizado no bairro Gameleira, será enfocada, já que o objeto de estudo desta dissertação está associado a esta unidade.
- <sup>4</sup> BRASIL. Decreto nº10.554, de 15 mar. 2001. Dispõe sobre a alocação, denominação e atribuições dos órgãos de terceiro grau hierárquico e respectivos subníveis da estrutura organizacional da Administração Direta do Executivo, na Secretaria Municipal da Coordenação de Política Social e dá outras providências. **Diário Oficial do Município**, Belo Horizonte, 16 mar. 2001. 180p.
- <sup>5</sup> Com a Reforma Administrativa de 2001, a SMDS voltou a ser Secretaria Municipal da Assistência Social (SMAS), e a Diretoria do Trabalho foi substituída pela Gerência de Preparação para a Inclusão Produtiva (GEIP), que passou a assumir o Qualificarte.
- <sup>6</sup> Os programas da SMDS, atual SMAS, que encaminham o seu público aos cursos do Qualificarte são: Programa Miguilim, Programa de Apoio à Pessoa Portadora de Deficiência, Programa de Apoio à População de Rua, Programa de Abrigos, Programa de Famílias, Programa Liberdade Assistida, Centro de Atendimento ao Adolescente, Programa de Socialização Infante-Juvenil, Programa Arte, Renda e Cidadania, Programa de Integração ao Mercado de Trabalho, Programa Cidadania da Mulher. (BELO HORIZONTE, 2003)
- <sup>7</sup> Este termo foi utilizado no documento “Qualificarte: uma experiência singular de Qualificação Profissional” para caracterizar o público que, de acordo com o documento, deve ser sensibilizado para a necessidade da capacitação ofertada pelo Qualificarte. Esta concepção de que as camadas populares devem se “conscientizar” em relação ao seu papel na sociedade remonta à histórica concepção depreciativa do trabalho manual exercido pelos sujeitos desfavorecidos socioeconomicamente.
- <sup>8</sup> BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal de. **Qualificarte**: uma experiência singular de Qualificação Profissional. Belo Horizonte: 2003. p.1-16.
- <sup>9</sup> MACEDO, Ralise Cássia. Formação socioprofissional: Metodologia Qualificarte. **Inclusão Produtiva**, Belo Horizonte, p.8-10, jul. 2003.
- <sup>10</sup> O Qualificarte já ofereceu benefícios monetários, atribuídos ao indivíduo, na proporção da frequência às aulas. Entretanto, de acordo com a maioria dos gestores e do corpo docente do Qualificarte I, esta experiência não teve sucesso devido à compreensão equivocada da concepção de bolsa-aprendizado por parte dos alunos.
- <sup>11</sup> As alunas que obtiveram sucesso escolar foram identificadas, nessa pesquisa, como AC, que se refere às alunas concluintes.
- <sup>12</sup> As alunas que se evadiram dos cursos profissionalizantes ofertados pelo Qualificarte foram identificadas nesta pesquisa como AE, referente às alunas evadidas.
- <sup>13</sup> FORQUIN, Jean-Claude. **Sociologia da educação**: dez anos de pesquisa. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis(RJ): Vozes, 1995. 350p.
- <sup>14</sup> **Id. ibid.**
- <sup>15</sup> Os cursos ofertados pelo Qualificarte I eram realizados apenas em período diurno, em turnos de manhã e da tarde.
- <sup>16</sup> POCHMANN, Marcio. Educação e trabalho: como desenvolver uma relação virtuosa? **Educação & Sociedade**, Campinas, v.25, n. 87, p. 383-399, maio/ago. 2004. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 21 set. 2008.
- <sup>17</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975. 218p.
- <sup>18</sup> BADIOU, Alain. **El Ser y el acontecimiento**. Buenos Aires: Manantial, 1988. p. 35.

## ABSTRACT

*Patrícia Ferraz Abdo; Maria Auxiliadora Monteiro Oliveira.*  
**Qualificarte as public policy: a study of school failure and success among students.**

*This article analyzes Qualificarte I, a public policy of the Belo Horizonte municipality geared to job training among subjects in a situation of social vulnerability and/or unemployment. The research, carried out in 2007-2008, studied the causes of school failure/success among female students. The case study used documental analysis, free observation, and interviews. It was verified that female students who worked only occasionally and were not breadwinners were successful in school, and were in a less perverse financial situation. School failure was related to systematic work, when the woman student was a breadwinner in a family in precarious financial condition.*

**Keywords:** *Public policies; Vocational training; Qualificarte; Vocational Training Center; School success; School failure.*

## RESUMEN

*Patrícia Ferraz Abdo; Maria Auxiliadora Monteiro Oliveira.* **El Qualificarte como política pública: estudio sobre el fracaso y el éxito escolar de los alumnos.**

*Este artículo analiza el Qualificarte I, política pública municipal de Belo Horizonte, orientada hacia la capacitación laboral de personas que se encuentran en situación de vulnerabilidad social o desempleadas. La investigación, realizada en 2007/2008, analizó las causas del éxito o fracaso escolar de alumnas de los cursos ofrecidos. El estudio de Caso utilizó el análisis de documentos, la observación libre y la entrevista. Se constató que las alumnas que tuvieron éxito fueron aquellas que trabajaban esporádicamente y no eran proveedoras, por lo que tenían una situación financiera menos perversa; mientras que el fracaso escolar estuvo relacionado a la práctica laboral sistemática, pues estas mujeres eran las proveedoras en sus familias y se encontraban en una situación financiera precaria.*

**Palabras clave:** *Políticas Públicas; Educación Profesional; Centro de Capacitación Profesional Qualificarte; Éxito Escolar; Fracaso Escolar.*

COYNE, Richard. **Designing information technology in the postmodern age: from method to metaphor.** Cambridge, MA: MIT Press, 1997. 399 p.

Ouve-se com frequência a explicação de que a tecnologia é neutra. Pessoas que acreditam nisso dizem que uma mesma ferramenta pode ser utilizada de muitas maneiras, para propósitos completamente diferentes. Predomina no caso uma visão de que decisões humanas determinadas por motivos e finalidades dão sentido às tecnologias. Nos meios educacionais, por exemplo, usos de computadores e de tecnologias da informação são vistos como inteiramente subordinados a finalidades pedagógicas. Por outro lado, de modo aparentemente contraditório, pessoas que acreditam na neutralidade da tecnologia costumam declarar que o uso de novas ferramentas é inevitável, pois não se pode deter o avanço do progresso.

As duas tendências aqui mencionadas refletem um pensar que desvincula tecnologia de suas raízes históricas e sociais. A crença de que as ferramentas só ganham sentido a partir de usos supostamente racionais ignora motivos que deram origem aos artefatos que funcionam como instrumentos de mediação nas ações humanas. A crença numa suposta inevitabilidade tecnológica entende que a história é uma contínua sucessão de invenções cada vez mais perfeitas e úteis. Ambas as tendências revelam um olhar ingênuo que não problematiza rumos que a tecnologia vem assumindo em nosso mundo. O resultado disso costuma ser um entusiasmo que afasta do horizonte qualquer avaliação crítica, qualquer entendimento que não seja o pensamento hegemônico caracterizado pela ideia de neutralidade das ferramentas e de inexorável ingresso de tecnologias cada vez mais perfeitas em todas as atividades humanas.

Para mudar o modo de ver acima delineado, é preciso abordar a questão tecnológica a partir de uma ótica que não ignore história e filosofia. Uma obra capaz de nos ajudar nessa necessária mudança é *Designing Information Technology in the Postmodern Age*, de Richard Coyne. O autor, professor de Arquitetura Computacional na Universidade de Edimburgo, examina o design de programas de computadores e de tecnologias da informação sob a ótica da filosofia, mais particularmente a partir do pensamento rotulado de pós-moderno. Coyne enfatiza as concepções de tecnologia apresentadas por Heidegger, mas no percurso analisa contribuições de muitos outros filósofos de nosso tempo e de cientistas da área de informática que elaboram visões críticas de sua disciplina.

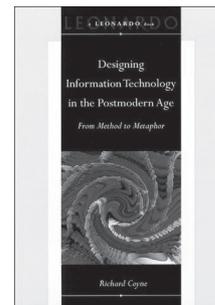
Ao examinar em que parte do Mundo está o ciberespaço, Coyne faz uma observação que sintetiza as análises presentes em sua obra: “qual é o status ontológico dessa entidade [ciberespaço] estranha e poderosa?” (p. 151). O livro em pauta mostra que nosso entendimento do que é tecnologia sofre influências das concepções metafísicas iniciadas por Platão. Tal entendimento busca encontrar categorias não contaminadas pela mudança, pelo fluxo contínuo do ser. Essa busca resultou numa solução que encontra na razão modos seguros de evitar a insegurança da contínua mudança do

que chamamos de realidade. No caso de Platão, a possibilidade de chegar a seres imutáveis acontece por meio de acesso ao mundo das ideias. As consequências dessa ontologia, que não reconhece mudança, contradição e dialética de manifestação do ser, são entendimentos que se traduzem na formalização da ciência como um sistema de verdades definidas a partir da correspondência entre proposições e as entidades às quais as mesmas se referem. Um dos resultados desse modo de pensar é a separação entre mente e corpo, teoria e prática. Essas ideias são marcadas por uma ontologia [uma visão do ser] cujas consequências são assim descritas por Coyne:

... o verdadeiro ser, o que é constante e essencial, reside fora do tempo e da história. O ser é conservado, não importando as vicissitudes da existência do dia a dia. Esta visão conservadora afirma que há constâncias por trás da história. A maneira como as pessoas veem a si próprias e o seu mundo em diferentes períodos históricos está sujeita a perspectiva que variam, mas por trás dessas perspectivas há um fio constante e uniforme. (p. 6)

A produção tecnológica, na perspectiva conservadora, tem princípios permanentes, não contaminados por uma história marcada por um ser sempre em mudança. Isso sugere, por exemplo, a suposta neutralidade das ferramentas. Estas, vistas como entidades cuja existência não é contaminada pela história, podem ser usadas para atender necessidades definidas pela vontade soberana de sujeitos que lhes dão sentido aqui e agora. Isso implica uma tecnologia que concede aos seres humanos domínio crescente do mundo e anula as manifestações do ser.

Na perspectiva heideggeriana, essa solução tão comum de encontros entre sujeito e objeto só é possível quando se adota uma visão metafísica que anula manifestações do ser. Em outras palavras, o entendimento de que a realidade é apreendida por formalismos racionais característicos do racionalismo e do positivismo lógico é reducionista. Em informática, por exemplo, esse reducionismo reconhece como verdade apenas aquilo que pode ser programado; ou seja, dimensões do real que podem ser manipuladas pela razão instrumental. Apesar de diferenças de acento em suas análises, alguns dos mais importantes cientistas da computação foram direta ou indiretamente influenciados pelo pensamento de Heidegger. Entre esses cientistas, destacam-se nomes como os de Winograd e Flores, Alan Kay e Joseph Weizenbaum. Esses autores, assim como outros que criticam a abordagem conservadora, voltam-se contra tendências imperiais de um racionalismo que entende que toda a realidade pode ser convertida em informação armazenável em sistemas computacionais. Eles vêem os computadores como ferramentas de comunicação em vez de máquinas capazes de empacotar e distribuir informação.



A mudança de foco no campo da computação assinalada no parágrafo anterior é fruto de visões do ser que alteram completamente nosso entendimento do que é tecnologia. Essas visões são conhecidas como pragmatismo liberal, criticismo e radicalismo. Todas elas se opõem ao que o autor chama de metafísica, a ruptura com o entendimento de que a verdade não é correspondência entre representação e objeto, mas desvelamento do ser. E esse desvelamento acontece historicamente. Numa explicação sobre o pragmatismo, Coyne observa:

A visão pragmática do ser reconhece que somos o que fazemos, o que usamos, o que pensamos. Nosso ser agora é diferente daquele de nossos ancestrais distantes. [...] de acordo com a visão pragmática, a tecnologia contribui para o entendimento do que e quem somos nós. (p. 6-7)

Diferentemente da visão conservadora, as demais visões não reconhecem a divisão entre teoria e prática. Afirmam que há uma unicidade da ação humana e que a teoria é uma prática enraizada nas tramas de entendimentos construídos socialmente.

Os capítulos de *Designing Information Technology in the Postmodern Age* distribuem-se entre abordagens que examinam tendências da filosofia pós-moderna e análises das diversas ontologias nas suas relações com tecnologias da informação. Este último aspecto pode ser exemplificado pelo capítulo *Where in the World is Cyberspace?* O Ciberespaço vem se construindo desde as origens da internet e é hoje o local onde se gera e distribui boa parte das informações. Geração e acesso de informação em tal espaço vêm alimentando esperanças de uma sociedade mais igualitária (ou pelo menos capaz de assegurar oportunidades iguais para todos), recuperando ideais do Iluminismo. Mas a ênfase na informação é um engano, segundo a ontologia heideggeriana. A tecnologia da informação deve dar prioridade à experiência e ao engajamento ativo. Nesse sentido, na construção de comunidades num certo espaço (ciberespaço, no caso), o que constitui nosso ser-comos-outros é nosso envolvimento num mundo compartilhado. A comunicação não deve ser entendida primordialmente como troca de informação. Nosso ser-no-mundo caracteriza nossas práticas, e estas precedem a informação. Para Heidegger, “*tecnologia é um modo de revelação*” (p. 175). E o que ela revela? A essência do ser. Um ciberespaço que privilegia a informação nega o sentido mais profundo do que é ou deveria ser tecnologia. Para enfatizar tal observação Coyne cita a seguinte passagem de Heidegger: “*A ameaça ao homem não vem em primeiro lugar do aparato da tecnologia. A real ameaça já afetou o homem em sua essência.*” (p. 177). E como isso aconteceu? As origens do desvio ontológico que mudou significados da tecnologia podem ser observadas, segundo a leitura que Coyne faz de Heidegger, nos tempos de Platão, quando o pensar converteu-se em filosofia, as coisas se tornaram objetos e o artesanato (tecne) deixou de ser um modo de revelação das coisas para se converter em simples manufatura. Em linguagem mais simples: o desvio ontológico observado desde os tempos

do filósofo da Academia implica, como já se observou aqui, um reducionismo que ignora o desvelamento do ser na história.

Na parte final do livro, o autor examina as metáforas mais comuns sobre computadores e tecnologia da informação. Coyne discute a literatura contemporânea sobre metáfora e conclui que esta desempenha um papel importante em modos de ver o mundo e fazer ciência. São de grande interesse suas considerações sobre metáfora e tecnologia. Metáforas revelam e escondem. A transposição de campos semânticos necessária para ver algo a partir de outro algo completamente distinto é uma operação que gera descobertas e novos problemas. Metáforas são instrumentos de compreensão, explicação e de descoberta. Mas, não são declarações definitivas. Ver algo a partir de algo completamente distinto não pode ser reduzido a declarações proposicionais (visão da substituição da metáfora por supostos princípios que lhes são subjacentes). As metáforas sugerem uma interação que não se esgota em interpretações supostamente definitivas.

Há diversas metáforas sobre computadores. Elas refletem práticas sociais e históricas que dão sentido a usos desses equipamentos. Ao mesmo tempo elas geram determinadas compreensões sobre a base da comparação. Uma das metáforas muito conhecidas é a de que os computadores são máquinas inteligentes. A base de comparação no caso é a inteligência humana. A tensão entre inteligência humana e funcionamento da máquina gera descobertas interessantes sobre computadores e seu funcionamento. Ao mesmo tempo, a ideia de máquinas inteligentes pode mudar modos de compreender a inteligência humana.

Ao analisar a relação entre metáfora e tecnologia, Coyne sugere que a primeira oferece uma compreensão muito mais próxima do ser que as declarações proposicionais características de uma literalidade científica que se julga capaz de apreender a essência da realidade. Por outro lado, ele não deixa de apontar como certas metáforas são expressão de uma prática social e histórica situada.

A obra em análise vê tecnologia como prática social que não se define de modo acabado. O jogo da mudança do ser, desvelando-se e escondendo-se na história, é a tese central da obra de Coyne. Tal visão nos ajuda a ver tecnologia como ação humana que esconde e revela o ser. E isso não acontece de uma vez para sempre. Qualquer tecnologia é um diálogo permanente com o ser. Nenhuma tecnologia é um instrumento neutro ao qual podemos conferir o sentido que mais nos agrada. As tecnologias sempre têm um sentido intrínseco que nasce das práticas sociais dos seres humanos e de uma ontologia que não separa pensar e fazer, reflexão e ação.

Jarbas Novelino Barato.  
Professor. Mestre em Tecnologia Educacional pela  
San Diego State University (SDSU).  
Doutor em educação pela UNICAMP.